



ENTREVISTA¹

JORNALISMO EM TEMPOS DE DISPOSITIVOS MÓVEIS E INTELIGENCIA ARTIFICIAL

João Manuel Messias Canavilhas, Professor Associado e Investigador da Universidade da Beira Interior.

Professor João Canavilhas tem 27 anos dedicados a docência e a pesquisa em comunicação e jornalismo, autor ou co-autor de 10 livros, possui 43 capítulos de livros, 52 artigos em revistas científicas. Pesquisador em 3 grupos internacionais e consultor em projetos no Brasil e na Espanha. É pesquisador de comunicação e novas tecnologias voltado para os estudos de jornalismo e internet, dispositivos móveis e inteligência artificial, sendo organizador do congresso Internacional Jornalismo, dispositivos móveis e Inteligência Artificial.



¹ Entrevista realizada por Haphisa Kashemyra Costa Souza Mugnaini, Relações Públicas, Mestra em Comunicação Estratégica, Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior em parceria com a Revista Cambiassu.



H: O Jornalismo sofre mudanças e desafios em todo o mundo, é possível pensar na continuação do jornalismo que conhecemos hoje mesmo em um contexto digital ? (jornais impressos, redações organizadas, telejornais bem assistidos, revistas semanais, etc).

Ao longo da sua história, a missão do jornalismo não sofreu grandes alterações: contar histórias desconhecidas do público.

O que mudou foi a forma como essas histórias chegam ao público e a concorrência no ecossistema mediático, ambas as situações motivadas pela evolução tecnológica. A digitalização, a Internet, as plataformas, os dispositivos móveis e, mais recentemente, a Inteligência Artificial, alteraram por completo o ecossistema mediático e mergulharam o jornalismo numa crise.

Se é verdade que a missão do jornalismo é a mesma de sempre, os erros cometidos pelos media na adaptação às tecnologias, a crescente iliteracia mediática e os ataques políticos, conduziram a atividade para uma situação em que a sua relevância social tem vindo a diminuir. O resultado é uma queda nas audiências dos meios tradicionais que não é compensada pelo online. Excetuando a televisão, que tem resistido, embora não à custa da informação, todos os restantes media sofreram uma forte erosão.

Se a iliteracia mediática já levava os cidadãos a confundirem notícias com informações em redes sociais, os processos desinformativos vieram dificultar ainda mais a distinção.

Por tudo isto, o jornalismo precisa de se recentrar na sua missão primordial, mas ser mais criteriosa na definição das estratégias. Em vez de continuar a usar a técnica da “tentativa e erro” deve aproximar-se da investigação científica procurando dar passos mais seguros, tanto na procura das melhores formas de usar as novas tecnologias, como na melhoria da relação com o público.

H – Já pensando no jornalismo por plataformas digitais, isso afeta na linguagem jornalística ou apenas a distribuição de notícias?

As plataformas afetaram todo o processo de produção, desde a recolha de informação, à produção e à distribuição.

Um dos problemas dos media foi justamente não compreenderem que a adaptação às novas plataformas de distribuição implicava necessariamente o uso de novas narrativas e linguagens. Ao insistirem nas suas narrativas tradicionais perderam terreno para outros concorrentes e uma nova geração de consumidores cresceu com hábitos completamente diferentes. Agora será necessário todo um processo de adaptação para recuperar esse público, o que não será fácil.



Para além das necessárias adaptações que permitam chegar aos espaços de consumo atuais - redes sociais lidas em dispositivos móveis - é necessário despertar o seu interesse por conteúdos de maior fôlego, com mais profundidade e contexto. Só dessa forma se consegue dotar o público de conhecimento que vá para além da superficialidade característica das redes sociais.

H: Os podcasts eles podem aparecer aqui como uma opção no campo do jornalismo?

Apesar de tudo o que se diz e escreve sobre o sucesso dos podcasts, continuo muito cético em relação ao seu valor para o jornalismo. Tenho a sensação de que esse sucesso está mais ligado a produtos não informativos do que propriamente ao jornalismo. Mais do que uma alternativa, talvez seja um complemento pois a facilidade com que se produz permite manter uma boa cadência informativa.

H: Em um contexto brasileiro em que fake news são rapidamente distribuídas por meio de grupos de whats app com dano quase que irreversível, podemos pensar o jornalismo por dispositivo móvel como contraponto desse movimento de desinformação??

Os processos desinformativos em redes sociais fechadas são a maior ameaça às democracias. Neste caso, o jornalismo pouco pode fazer porque desconhece o que se passa nestas redes. Talvez algum jornalista faça parte do grupo e possa desmentir, talvez algum membro do grupo procure confirmar informações junto de *fact-checkers* e corrigir a informação, mas falamos sempre de casos pontuais.

Neste campo, só as próprias redes sociais podem criar sistemas de controlo, algo que têm tentado fazer, mas com um sucesso questionável e que nalguns casos se aproxima perigosamente dos sistemas de censura.

Uma alternativa – mas que exige algum trabalho de usabilidade e incorporação de IA - poderia ser a criação de um botão para checar informações de posts/mensagens. Tal como existe um “gosto” ou “compartilhar” poderia haver um “verificar”.

H - Para além das transições tecnológicas, temos as transições geracionais, jovens e adolescentes que buscam cada vez menos meios tradicionais e que se informam cada vez mais por meio de redes sociais, saiu inclusive pesquisa recente sobre o fato de que mais de 60% dos jovens pesquisam mais no tiktok do que no google, informar essa nova geração passa simplesmente por literacia digital ou o senhor acredita que teremos que pensar em uma nova forma de se comunicar com esse público?



Tal como disse anteriormente, recuperar o público jovem passa por duas fases. A primeira é disponibilizar a informação jornalística nas plataformas que eles frequentam usando narrativas adequadas a cada plataforma. Depois de ganha a sua atenção, o passo seguinte é usar a interação procurando trazê-los para o ambiente natural das notícias: os media. Não é algo que tenha um efeito imediato, mas com o tempo é natural que o interesse nas notícias possa aumentar.

Em paralelo, os planos de estudos de todos os graus de ensino devem incluir mais matérias sobre a literacia mediática e a importância do jornalismo para o salutar funcionamento das democracias.

H: E quando pensamos em IA, quais erros se precisa evitar enquanto jornalista ao utilizar essas ferramentas e como ela pode ser parceira no processo de produção de notícias?

A IA é só mais uma ferramenta. Tem um potencial enorme na aceleração dos processos de recolha, tratamento e distribuição de informação, mas é apenas isso: uma ferramenta. Compila dados, identifica padrões e assinala pormenores que poderiam escapar, mas não contextualiza porque lhe falta a criatividade e a capacidade de raciocínio dos humanos. É importante que seja incorporada nas rotinas diárias dos media porque vai acelerar todos os processos, mas deve ter sempre supervisão humana. Para além disso, é fundamental que o seu uso seja transparente para o público, evitando-se assim acrescentar mais uma camada de opacidade a uma atividade cuja credibilidade está em queda.

H: muito se fala em IA roubar empregos, como pesquisador e professor, como imagina a influencia da IA a longo prazo para o campo do jornalismo? Vilão ou mocinho?

A IA terá um papel cada vez mais importante no jornalismo porque a situação económica dos media levou ao corte empregos e ela pode facilitar certas fases do processo de produção, como foi referido anteriormente. Ou seja, não está a roubar empregos porque eles já não existiam, mas a ajudar o jornalismo a melhorar a qualidade do produto informativo. Por isso não é um vilão, mas também não creio que seja um mocinho porque será usada muitas vezes de forma errada e sem supervisão humana, com consequências nefastas para o jornalismo.

H: Para finalizar, A Kling IA apresentou recente a criação de vídeos realistas, essas o senhor acredita que essas ferramentas de vídeo serão inseridas no jornalismo web ou telejornalismo?



Há muitos anos que o 3D é usado na informação. Sempre que é necessário simular uma determinada situação – sobretudo em acidentes – recorre-se a este tipo de realidade virtual para ajudar o público a perceber melhor o que ocorreu. Com a IA, tudo isto será mais simples, mas o processo é o mesmo. Estamos perante uma das tais acelerações no processo referidas anteriormente, mas não há grande novidade. Como é evidente, estas “recriações” devem ser devidamente assinaladas como “imagens virtuais”, tal como já se fazia até aqui.

Claro que estas ferramentas também representam um perigo porque facilitam a produção de “deepfakes”, mas isso é como tudo na vida: há sempre os bons e os maus usos das tecnologias.